A ESCADA

Natércia Campos de Saboya

Acordara no meio da noite, angustiada, com o corpo ainda sacudido pelas emoções, lembrando-se do que sonhara: "subia lentamente uma longa escada, pressentindo que alguém a seguia. Os passos eram leves, medidos, cuidadosos, porém ela os ouvia com nitidez. Sentia calor à medida que se aproximava do topo da escada, por onde, afirmavam, os raios de sol atravessavam a clarabóia. Sabia que, ao atingir aquela luz, os passos a alcançariam, pondo fim ao pesadelo".

Essa luz era-lhe indefinida. Tinha a percepção pelas descrições ouvidas. Podia senti-la e, mesmo assim, tudo era tão difuso! Nas manhãs de sol, passeando fora de casa, a sensação de luz, para ela, era o calor. Ao passar as mãos nos cabelos estavam quentes como também sua pele. Sempre achara que a luz transmitia, de chofre, modorra e suor, assim como o fogo. O seu mundo era bem mais tépido desde que nascera. Ao começar a falar, pedia que lhe descrevessem como era a claridade e nunca lhe conseguiram definir as nuanças e a intensidade da luz. A luminosidade do luar fora-lhe mais fácil entender, pois diziam que a lua brilhava, friamente, na escuridão. Já com o sol, havia sido mais difícil, pois brilhava em plena claridade com seus raios estendendo-se em feixes, que reverberavam.

Este sonho, lembrava-se agora totalmente desperta, vinha acontecendo amiúde. Com um misto de emoções, desejava sair do pesadelo e, ao mesmo tempo, ansiava por chegar ao final. Sabia intimamente que a única maneira de se libertar da escuridão que a envolvia era alcançar a claridade, através da escada. Contudo, temia profundamente esta luz que a aguardava como uma redenção libertadora. Por este temor ser tão desmesurado, antes de chegar perto da clarabóia sempre despertava.

O sonho dera-lhe sede e, com calma, sentara-se na cama, tateara o copo d'água na mesinha e bebera com sofreguidão. Esta noite não dormiria mais e, logo após, o dia começou devagarinho a se insinuar, despertando o avô, sempre tão madrugador, cuja tosse ela ouviu de longe.

Notara que a noite já se fora pela mudança leve do vento da madrugada e pelos passarinhos que cantavam em bandos. O cheiro gostoso de café a invadiu, levantou-se para ir ter com a mãe e, juntas, tomarem a primeira xícara e prepararem-se para mais um dia. Desceu a longa escada, apoiando-se no corrimão de madeira polido pelo uso e macio como veludo ao contato. Sorria ao lembrar que só pelo ruído distinguia quem utilizava a escada e em que lance se encontrava. Os degraus eram para ela como as teclas de um piano, tinham sonoridade própria. Sabia quais os mais gastos e onde alguns soavam ocos por estarem carcomidos. Conhecia as ressonâncias da velha casa, quase toda feita em madeira. Fora seu bisavô quem construíra o casarão isolado e distante da cidade. Na escadaria, ele se esmerara, era esta contínua, compacta, dominando o centro, o miolo da casa. No alto, descreveram-lhe, a luz solar passava através do cristal lapidado da linda clarabóia, trabalhada como um "vitraux" e expandia-se pela abertura existente no meio da escadaria, formando um imenso quadrado vazio, do terceiro andar até o rés do chão. Deste "vitraux" jorrava luz para todos os andares da casa.

Nesta manhã, ao entrar na cozinha, percebeu, de imediato, uma estranha presença. Os cachorros também manifestavam inquietação e rosnavam ameaçadoramente. Estavam ali seu avô e seus pais. Pairava no ambiente um perfume impreciso, e, à espreita na porta entreaberta, percebeu a mulher. Num assomo lançou-se à porta, fechando-a com certa violência e sentiu que se fizera um surpreso silêncio em torno dela. Procurou justificar-se alegando uma súbita corrente de ar. Preferiu calar o que percebera.

Passou o resto do dia inquieta, oprimida por aquela presença em torno dela e da casa, imperceptível para os demais. Somente ela possuía as condições para captar, na atmosfera mais úmida e na leve agitação do ar, a presença da intrusa. À noite fora deitar-se excitada, sentia algo participando intimamente de suas vidas. Na manhã seguinte, acordara sabendo que ela estivera ali. Ao descer a escada, sentiu-a bem próxima, e um calafrio a percorreu. Era difícil explicar, definir para eles esta mulher. Os seus sentidos viviam alertas para a mínima oscilação ao seu redor, e era através desta constante exacerbação que entrava, em ondas, esta indefinida forma. Não a poderia descrever, mas reconhecia como algo definitivo em

sua vida, e uma animosidade surda começou insidiosamente a infiltrar-se contra esta sensação.

Procurou falar com o avô, contando-lhe o que estava acontecendo. Ao terminar, ela se achou desconexa, ansiada, e soube, naquele instante, que não conseguira fazer crer ao avô naquilo que falara. As mãos dele afagaram-lhe os cabelos docemente, e notou-o emocionado. A mãe, depois, a procurara tentando compreendê-la e dissuadi-la, dizendo-lhe que a imaginação nos faz viver num mundo paralelo ao mundo real. Que, às vezes, também ela sentia uma sombra acercando-se e não passava de uma ilusão, de uma miragem. Novamente as palavras tão difíceis de serem dissecadas como: sombra, miragem, vulto... talvez fossem as mais indicadas para o fenômeno, que afinal só ela alcançava. Desde menina, eles a protegeram, procurando ajudá-la, mas nunca se passou um só dia em que não tivesse a percepção da enorme distância entre o mundo visto por eles e o seu. Por mais que tentassem dissimular este limite, existiam as frases espontâneas, que não conseguia transpor: — está fazendo um lindo dia de sol; o aspecto maravilhoso deste prato dá logo mais sabor; a lua está prateando todo o campo; as flores e folhas deste prado estão mais belas que nunca e, assim também, as palavras soltas, ditas de forma tão leve; — elegância; bailados com evoluções de pluma: beleza de traços: cores e pontos mágicos de um trabalho à mão; aquarelas translúcidas e tantas e tantas mais, sugerindo-lhe outra dimensão. Todo este mundo inalcançado a isolava de tal maneira que estas imagens tornavam-se longínquas em sua perspectiva, como uma intransponível barreira. O seu território era indevassável para eles, acostumados naturalmente a compartilharem uma harmonia sem limites, fazendo com que, cada dia, ela se fosse sentindo uma intrusa.

Semanas depois, escutara-os falando baixinho, quase sussurrando, sobre seu comportamento, cada vez mais ensimesmada, culminando com esta alucinação de uma mulher vigiando-a. Nas vozes era patente o tom de piedade. Deixara-se ficar largada numa cadeira, não refeita do agudo sentimento de solidão. À noite, novamente o pesadelo a rondara e acordara banhada de suor e aflição. O inverno ia chegando devagar e, à medida que os dias e noites frios se aproximavam, a vida na casa parecia diminuir de intensidade. Um desalento invadia tudo e todos como uma névoa. A apatia estava disseminada no ar. Interiormente, fora acalentando a idéia de que só a ausência da luz a fazia tão isolada e que esta barreira seria transposta, se conseguisse ir ao seu encontro.

Quando menina, ao ser preparada para a primeira comunhão, disseram-lhe que a morte levaria todos para uma nova dimensão cheia

de luz, e estes ensinamentos soaram-lhe a trombetas de esperança. Com o passar do tempo, porém, o medo de se livrar das trevas em busca desta luz a trazia tensa e angustiada e nunca dividira com ninguém este desejo inquietante.

Ultimamente, sonhava quase todas as noites. A certeza de que aquela mulher havia sido enviada para induzi-la a procurar esta saída a fazia amaldiçoá-la. Pouco a pouco, um marasmo fora impregnando-lhe o corpo como um bafejo. Numa madrugada, acordou com a sensação de alguém andando pela casa. Desceu até o andar térreo e nada mais ouviu. Pela primeira vez, receou a existência, dentro dela, de algo latente e distorcido em total descompasso com o equilíbrio existente na casa. Voltou a subir, procurando pisar de leve e, então, teve a premonição de que o pesadelo estava acontecendo. Escutou um degrau ranger baixinho e passadas leves, medidas, cuidadosas se fizeram nítidas. Em pânico, com a respiração descompassada, procurou subir rapidamente num intento de fuga.

Já chegava ao topo da escadaria, quando uma lassidão foi envolvendo todo seu corpo, que não lhe obedecia. Os passos aproximavam-se num ritmo crescente. Foi no impulso de alçar os braços para se livrar deste torpor que se sentiu alcançada e um leve empurrão, como um sopro de brisa, projetou-a no imenso vazio.

Despertaram com o baque. Debruçados sobre a balaustrada do alto da escada, viram aterrorizados uma réstia de luz que, filtrando-se através da clarabóia como de um prisma, pousava em seu rosto, iluminando sobretudo aqueles imensos olhos parados, que antes só haviam conhecido a escuridão.

Lá fora, os cães uivavam cabisbaixos e em círculos.